

ENTREVISTA PARA A REVISTA LUGARES COM CAMILA GONZATTO.

04.07.2008

Uma conversa eternamente inacabada

Em 2008, o Torreão, um espaço de arte independente de Elida Tessler e Jailton Moreira, comemora 15 anos de atividade.

Desde o início, o espaço da torre, localizada no alto de uma casa na esquina das ruas Santa Terezinha e Venâncio Aires, em Porto Alegre, recebeu intervenções de artistas. A primeira artista a intervir, ainda em 2003, foi a própria Elida. De lá para cá, o Torreão já recebeu mais de 80 artistas, incluindo brasileiros e internacionais.

O espaço também abriga cursos de arte contemporânea, ministrados por Jailton, e espaço de ateliê de Jailton, Elida e de alunos-chave – alunos que têm uma chave do Torreão e podem utilizá-lo diariamente.

O espaço é aberto ao público durante as intervenções – são em torno de seis ao ano. Basta chegar, tocar a campainha e uma chave lhe será jogada do primeiro andar. Você mesmo abre a porta e se abre para uma experiência e uma conversa.

Foi em uma dessas oportunidades, que conversei com Elida e Jailton sobre a história do Torreão. Leia, abaixo, a entrevista.

No Torreão, em seu início, funcionava também o Núcleo de Origami de Porto Alegre. Como foi isso?

Jailton: No início, não tinha nada muito traçado do que o Torreão seria. Primeiramente, o espaço abrigaria alguns interesses nossos da época. E um dos meus era o origami. Eu dava aulas na Escolinha de Artes da UFRGS e tinha um grupo de estudos de origami. Nesta época eu era membro da Associação Americana de Origami e à Associação Inglesa de Origami. Eu pensava que o Origami era um instrumento super legal na questão da educação e achava que era necessário multiplicá-lo. Foi daí que veio a idéia do Núcleo de Origami no Torreão. Tínhamos um quarto de origami e uma biblioteca. O primeiro workshop do Torreão foi um workshop de avião de papel.

Elida: Eu lembro da manhã de inauguração do Torreão, que foi em 19 de junho de 1993. Tenho duas imagens fortes: uma, de uma barriga que estava quase nascendo. E outra, dos aviõezinhos saindo pela janela do Torreão. Eu não sei como isso aconteceu – se foi espontâneo ou orientado. Mas, apesar do Torreão naquela época não ter um perfil, tinha uma idéia de eixo central, que seria algo que viria de dentro para fora e de fora para dentro, algo permeado. Acho que aquelas 12 janelas lá em cima, na torre, não são só janelas, mas sim um respiradouro. E, as janelas daqui de baixo, naquela tarde, funcionaram assim. A minha alegria era ir lá do lado de fora e ficar olhando. O Núcleo de Origami parece que concretizou o que nós dois queríamos para o Torreão naquele momento – um espaço de ateliê para os nossos desejos possíveis e impossíveis, um lugar de fazer. Eu lembro da plaquinha na porta de um dos quartos. Era um papelzinho com percevejo, escrito pelo Jailton: Núcleo de Origami de Porto Alegre. E isso fazia com que aquela sala fosse realmente um Núcleo.

Vamos voltar um pouco. Como vocês decidiram abrir o Torreão?

Jailton: tem opções de resposta de um minuto, de cinco ou de duas horas. Mas, em resumo, eu e a Elida éramos amigos via Escolinha de Artes da UFRGS. Eu comecei a desenvolver na Escolinha, cinco anos antes do Torreão, cursos para adultos, partindo de uma necessidade dos pais das crianças. Eram pessoas que não eram artistas, que trabalhavam pelo centro da cidade e procuravam este tipo de atividade. Mas houve um momento em que eu quis sair da Escolinha. Nessa época, a Elida estava em Paris, fazendo o doutorado. E, em uma viagem minha, a gente se encontrou. Nos aproximamos mais lá fora do que aqui. Acabamos ficando mais de uma temporada na casa da Elida, em meio a viagens para outros lugares. E, nesses encontros, eu falava para a Elida que queria fazer algo próprio. A Elida sempre dizia: "Eu tô junto". Quando a Elida aterrissa no Brasil, é justamente no momento em que eu estou procurando espaço. A Elida me liga dois ou três dias depois de chegar e me diz: "Eu estou junto". E, eu digo: "Não, tu não está junto, tu está há cinco anos fora do Brasil, tu está grávida, tu não sabe como está a coisa aqui. Tem muita coisa por fazer". E ela responde: "Não, eu estou junto desde o início".

Elida: Realmente a nossa origem é a convivência na Escolinha de Artes. Nós dávamos aula segundas e quintas pela manhã, cada um com a sua turma. E quando, muitas vezes, os professores que davam aula no mesmo horário, fechavam uma porta divisória entre as salas, nós tínhamos o hábito de deixá-la aberta. Eu, de minha parte, observava muito o Jailton e eu acho que essa afinidade nasce de perceber o outro trabalhando, esses modos de fazer. E, tinha uma conversa anterior, que era a preparação da aula, e uma conversa posterior, que era durante a limpeza. É aí realmente que esse espaço vai se construindo. Ontem eu folhei um livro, que estava na cabeceira da cama, que o Édson [marido da Elida] deve ter comprado, e adorei o título "Arriscar o Impossível". Como o Jailton diz, existe uma aposta, não para ganhar ou perder, mas para fazer, e é claro que eu "Tô junto". Mesmo que seja impossível, mesmo que chegada há três dias em Porto Alegre, grávida de oito meses, e sem nada. Eu tinha um título de doutorado, que eu não sabia se ia valer alguma coisa. Foi um ano depois que eu entrei na UFRGS. O meu

primeiro ano em Porto Alegre foi o Torreão e sobrevivendo como todos sabem que a gente sobrevive – sonhando. E, nesse sentindo, eu acho que nós estamos fazendo isso há 15 anos – acreditando no impossível. Não no sentido tão romântico, mas acreditando que é melhor fazer do que não fazer; ou acreditando que, mesmo que eu e o Jailton tenhamos dinâmicas diferentes de trabalho e, às vezes, crenças diferentes, principalmente no que diz respeito às instituições, a conversa seja boa. O que a gente mantém é uma conversa que começou na França. E o que eu gosto de trazer para o Torreão é esse outro lado, o Institucional. Eu acabo trazendo pessoas aqui, que vem a Porto Alegre via institucional. Essas pessoas acabam gostando e escrevendo no livro de visitas. Como, por exemplo, o Paulo Sergio Duarte, que logo no início veio numa visita rápida e escreveu no nosso caderno de presenças: “Eu volto”. Não deu noutra.

Jailton: Eu só quero complementar uma coisa. É só para entender como o acaso funciona. Eu poderia contar a origem do Torreão em uma situação de total acaso. Quando eu fui a primeira vez para Paris, eu e a Elida éramos amigos, colegas, mas não a ponto de freqüentar casa um do outro. Eu tinha o endereço da Elida em Paris, mas decidi não procurá-la. Eu e a Rosina [esposa do Jailton] chegamos, era de tarde, e fomos direto dormir. Acordamos sete da noite e fomos no McDonald’s do Quartier Latin. Nós estávamos dentro do McDonald’s e passamos a Elida e o Edson pela frente. Eu saio para a rua e coloco as mãos atrás dos olhos da Elida. Ela não tem a mínima idéia de que eu estou lá. (Risos). Eles insistiram para ficarmos na casa deles, mas nós continuamos no hotel. Oito e meia da manhã seguinte, ela e o Édson chegam no hotel com puxador de malas e dizem: “não, vocês vão ficar lá em casa”. E, a gente, a partir disso, começou a ficar muito mais próximos.

Elida: Geralmente nós passávamos o dia na Biblioteca Nacional, que ficava a uma certa distância da nossa casa. Naquela noite, estávamos muito cansados de estudar e o Édson me convidou para voltarmos a pé. Se a gente tivesse pego o ônibus, nada do Jailton e nada do Torreão. Depois de encontrá-los, fomos tomar uma coca-cola. A coca-cola mais cara que o Jailton já tomou nas suas viagens, porque nós não conhecíamos ainda os lugares – foi na Praça da Contrescarpe, uma pracinha simpática.

E, como surgiu a idéia do convite aos artistas para ocupar a Torre?

Jailton: A gente se sentou um dia no Bar Líder, na Vasco da Gama, com um papelzinho de intenções, com o que a gente gostaria que tivesse dentro do espaço. A torre para as intervenções sai desse planejamento. A gente não sabia o que fazer com a torre e acho que foi a Elida que disse: “Então vamos convidar pessoas para dar respostas”.

Elida: E o Jailton disse: “Então tu começa”. Eu dei essa idéia porque seria muito difícil ser um espaço de ateliê pela sua configuração. E, a gente sempre achou esse espaço muito bonito. Nós assumimos a metáfora da permeabilidade e aquele espaço é concentrado disso. Ele é 4x4 metros, mas as janelas são todo o resto. Eu comecei justamente para abrir a possibilidade. Eu não considerava naquele momento que eu era a primeira artista de uma grande série. Eu queria chegar em Porto Alegre, e o Torreão foi para mim um ponto de chegada, tanto é que o título do trabalho é “Golpe de Asa”. Como sempre, vem da literatura, Mário de Sá Carneiro. Eu estava quase lá e quase aqui, quase chegando. Eu ainda não tinha tido nenhuma oportunidade de encontrar com meus amigos e, naquela conversa do Líder, a minha lista de desejos iniciava com isso – que o Torreão fosse um lugar onde eu iria receber meus amigos. E foi super bonito.

Logo depois, nós ficamos sabendo que o Dudi Maia Rosa iria fazer uma exposição em Porto Alegre, na Casa de Cultura Mário Quintana. O Gaudêncio Fidelis estava coordenando. Existia um projeto bonito ali, que previa a vinda de artistas, acompanhados por um crítico. Nós conversamos com Gaudêncio e propusemos que o Torreão fosse uma espécie de lugar de rastro e que o Dudi pudesse pensar num outro trabalho específico para cá. Quem fosse ver seu trabalho na Casa de Cultura, saberia disso e, então, se criaria esse traço na cidade entre a Casa de Cultura Mário Quintana e o Torreão. O que nós não sabíamos é que sintonia fina iria acontecer. E todos toparam – Casa de Cultura e Dudi. Os alunos do Torreão ajudaram, tanto aqui quanto na Casa de Cultura. Foi assim que se criou essa outra atividade, em que não é mais só eu e o Jailton.

Jailton: Quando o Dudi topou, não havia nada que nos desse o crédito em relação ao artista. O Torreão estava começando. Ele foi extremamente generoso. Ele não só fez um trabalho, mas foi o primeiro artista que teceu o espaço de convivência, de trocas aqui. E isso se caracterizou com a relação com vários outros artistas que trabalharam aqui. Depois do Dudi ter assinado embaixo, muita coisa facilitou. E não foi só pela sua qualidade de artista, mas também de educador, de semeador. Eu e a Elida não agüentamos mais nos ouvir em entrevistas, mas uma palavra-chave, que sempre retorna na minha cabeça, é a generosidade. O quanto isso aqui foi e é um foco da soma de imensas generosidades das pessoas e dos artistas. Se a gente fosse começar a enumerar em agradecimentos não pararia. Por que essa generosidade? Acho que ela está na vontade de apenas apostar numa conversa séria sobre arte contemporânea.

Como se viabilizam as intervenções?

Jailton: nós temos uma estrutura muito enxuta, uma conta ligeiramente pequena para pagar. Mas, a idéia, apesar de eu tirar o meu sustento das aulas, é de não ganhar dinheiro via Torreão.

Elida: Vou te interromper. Vou transformar essa perda em ganho, porque o que eu faço é com muita clareza e é por opção. São raros os momentos em que eu digo: "isso fui eu que escolhi". E se tem uma coisa que eu escolhi, foi que o Torreão seria o meu ateliê. E, eu pago por isso. Eu escolhi não dar aulas aqui, não ter grupos supervisionados, não ter nada.

Jailton: Para as exposições, a gente faz um convite para os artistas – no início com mais cara de pau e, com o passar do tempo, com mais pudor. Mas deixamos claro que não temos qualquer possibilidade de produzir o evento: não temos passagens, nem estadia. Às vezes, fazemos parceria com alguma instituição, aproveitando algo que vai acontecer na cidade, e oferecemos o Torreão como uma segunda casa. Outras vezes, fazemos uma carta convite e os artistas conseguem viabilizar as passagens aéreas. As nossas casas já abrigaram vários destes artistas como hotel improvisado. Então, é preciso também um tipo de artista que esteja disponível a esse método. Por isso que, às vezes, é difícil de convidar. E, eu diria até, que embora a gente tenha mais condições de poder tornar mais fácil o convite, a arte mudou um pouco, e os convites ficam mais difíceis.

E como foi se dando a escolha dos artistas? Olhando para trás, pode-se perceber uma mistura de artistas mais jovens, outros com uma carreira já consolidada, alguns daqui, outros de fora.

Elida: No início não havia absolutamente nada estabelecido. A nossa única combinação era que, como nós gostaríamos de aprofundar uma conversa em torno de arte contemporânea, nós convidaríamos os artistas. Nunca houve a possibilidade de um edital aberto. Os trabalhos seriam uma conjunção do que o artista faz geralmente e do que ele faria "aqui". Então, essa noção de arte e lugar, que a gente tanto fala, também está nessa origem. No primeiro e no segundo ano, foi quase como uma corrente. Um trabalho chamou outro. As intervenções foram sempre também uma possibilidade de ampliar a conversa para os alunos e de abrir a possibilidade dos trabalhos poderem dialogar, conviver. A partir de um determinado momento, as instituições passaram a nos procurar para oferecer parcerias. Foi assim que o Jean Lancré, em parceria com o Instituto de Artes, foi o primeiro artista internacional a expor no Torreão. Depois a Eliane Chiron, francesa da mesma instituição, a Paris I, também fez uma intervenção. E nós fomos nos dando conta que haviam artistas internacionais, que haviam artistas de Porto Alegre, haviam artistas de outras partes do país muito conhecidos, que aceitaram o convite, como a Regina Silveira, o Waltercio Caldas, o próprio Dudi, o Marco Gianotti, mas também desconhecidos naquela época, como o Nazareno.

Com o tempo percebemos que poderíamos estabelecer cerca de seis intervenções ao ano. É um número sem a ambição da contabilidade, sem oferecer stress, esgotamento, e sim o contrário. Então, pensamos assim: dois artistas bem jovens; dois artistas com reconhecimento regional ou nacional; e dois artistas internacionais. Isso não é regra, é uma possibilidade que se manteve, para nossa surpresa.

Agora vamos inaugurar um projeto, que não tem um nome específico, mas que seria "O Retorno", com a Sofi Hemon, que é uma artista francesa, que eu conheci durante o meu doutorado, e já esteve em Porto Alegre, no 2º ou do 3º ano do Torreão. A idéia é convidar artistas que já fizeram um trabalho numa determinada época, que conhecem as entranhas deste espaço e continuaram acompanhando, e perguntar o que eles fariam de novo.

E a parceria com o Goethe, como se estabeleceu?

Jailton: A parceria com o Goethe surgiu a partir de uma aproximação que a Karin Lambrecht fez com o antigo diretor, para que um artista pudesse passar um mês aqui convivendo e trabalhando no ateliê, e, que no final, ele apresentasse um trabalho. Esses dias, eu creditei grande parte do sucesso deste projeto, que já trouxe 10 artistas, a duas pessoas que trabalham no Instituto Goethe, a Herta e a Adair, porque durante esses 10 anos trocaram três diretores e foram elas que passaram o lado positivo dessa relação para todos os diretores que foram chegando. O Goethe paga passagem, possibilita apartamento, casa, comida e roupa lavada e a produção do trabalho e nós entramos com o espaço e uma série de outras situações de articulação do artista com o contexto local. No Goethe é muito nítido esse valor. Eles sempre apostaram muito no valor daqui. Então, isso pra nós é fantástico, não só pela qualidade dos artistas que vieram, mas também pelo quanto esse projeto com o Instituto Goethe tem de repercussão. Para trabalhos de vários artistas daqui, ter visto um artista como Rolf Wicker foi fundamental. O trabalho do Rolf Wicker foi citado na tese de mestrado do Rômulo Conceição e da Maria Paula Recena. Há uma situação invisível de formação. Coisas que são muito difíceis de medir.

Elida: Eu adorei ouvir o Jailton falar sobre essa série de coisas invisíveis. Desde o início do nosso projeto, era uma combinação minha e do Jailton, que o que nós não estávamos procurando era a visibilidade. Essa atitude nos perturbava, no momento em que se saía da geração 80 e que se entrava nos anos 90, e tudo o que se procurava era a visibilidade. Será que isso vai trazer a visibilidade? Nós chegávamos a fugir disso. Acabou acontecendo a tal visibilidade, depois que o Torreão já tinha um bom tempo, um bom percurso e que o Torreão foi convidado num curto período, por três ou quatro encontros a nível nacional, para estar na mesa junto com outras iniciativas. Chamavam-se iniciativas de artistas. E o Jailton sempre brincou comigo, que as nossas iniciativas eram como outras iniciativas, sendo artista ou não sendo artista, a gente vai no supermercado, a gente faz

outras coisas. Tudo iniciativas, mas como as iniciativas de artistas, e nas conversas nós fomos solidificando uma idéia, eu e o Jailton, do que sim e do que não, nesse sentido.

Jailton: Realmente. Se hoje nós temos uma visibilidade nacional clara, ela não foi um projeto. A primeira matéria que saiu no Jornal Zero Hora, do Eduardo Veras, o Torreão já existia, já funcionava e foi o Eduardo que nos procurou. E assim foi em várias situações, incluindo seminários e tudo o mais.

E, para encerrar, gostaria de saber em que pé está essa conversa de vocês, que começou há 15 anos?

Jailton: Primeiro a gente tem que entender a importância da parte de formação do Torreão e como isso mudou. Ela nasce de uma conversa de pessoas, em que 15% ou 20% tinham interesse em arte contemporânea, e passa para um outro grupo, onde praticamente 100% tem uma situação de interesse. Essa conversa começou a ficar mais cristalizada nas relações entre arte e lugar, pela dinâmica da torre, pela dinâmica das aulas, por uma experiência chamada Ateliê Aberto, pela reformulação do espaço, em que os alunos também começam a trabalhar em salas específicas. Então, houve uma espécie de foco sobre uma discussão sobre arte e lugar, que não tinha antes. Não era essa a conversa minha e da Elida. As nossas poéticas também foram se encaminhando para essa direção. Essas discussões em relação à arte e lugar se alteram em vários caminhos, a partir de como o nosso trabalho tem se alterado, das residências que a Elida faz, das viagens que eu faço e das questões discutidas em aula.

Resumindo, eu tenho alunos aqui no Torreão há 15 anos e eu sempre penso que eu faço o Torreão para eles. Eu não faço para o aluno que está chegando. Minha pergunta é: como é que eu consigo ainda falar alguma coisa interessante ou nova para quem está aqui há 15? Isso cria um problema muito difícil para quem está chegando. Essas pessoas tem que ter uma vontade cada vez maior. Então, essa é a conversa, é eternamente uma conversa inacabada. Ela poderá ser uma conversa interrompida, mas nunca finalizada. E nunca requeitada.

Elida: Ouvindo o Jailton, eu tive uns minutos para refletir. Eu responderia assim: eu sou atualmente essa conversa, eu me sinto essa conversa. Quer dizer, onde ela está eu vou acessar em mim.

Jailton: Eu assino embaixo.

Elida: Atualmente eu sou isso. Eu me considero muitas vezes aluna do Jailton. Parece brincadeira, mas não é. Eu venho como aluna, eu sento nos mesmos lugares que os alunos para assistir o que o Jailton fala, eu trago meus alunos do Instituto de Artes, não por querer que eles também sejam do Torreão, mas porque o Torreão é um espaço de pesquisa e o que nós fazemos no Instituto de Artes é pesquisa. Para mim, o Torreão não é uma esquina da Venâncio Aires com a Santa Terezinha, é uma esquina entre o Torreão e o Instituto de Artes, é uma esquina entre produção e recepção, é uma esquina entre arte e lugar, arte e pensamento etc. Mas te respondo assim, eu não seria o que eu sou sem a conversa com o Jailton, não é com o Torreão. O meu trabalho, por exemplo, "Tubo de Ensaio", também seria uma outra metáfora maravilhosa para essas falas inacabadas, essas conversas aqui, tudo isso só acontece assim para mim, porque aqui é um laboratório. O Torreão é esse laboratório de tudo.

Impresso em 12.7.2008

http://www.iberecamargo.org.br/content/revista_nova/entrevista_integra.asp?id=222